



II Colóquio INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO

LAZER

02 e 03 de setembro de 2021

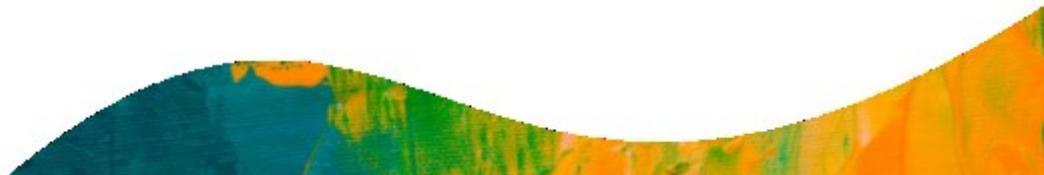
Belo Horizonte - MG

Maria Cristina Rosa
Marcone Rodrigues da Silva e Santos
Cláudia Regina Bonalume
Organizadores

**COLETÂNEA DO
II COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DO LAZER**



Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2021



AS RODAS DE CAPOEIRA NOS PARQUES DE PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE 1970

Mario A. Rosa Dutra¹

Walter Reyes Bohel²

Raquel da Silveira³

Resumo: No final da década de 1960, chegaram do Rio de Janeiro, Bahia e Paraná, os primeiros mestres de Capoeira à Porto Alegre, que ensinaram nos clubes e academias e realizaram apresentações de capoeira em espaços públicos. Este artigo pretende investigar as motivações dos capoeiristas em participar das rodas de capoeira, realizadas no Parque Farroupilha e no Parque Moinhos de Vento, na década de 1970. Foram analisadas entrevistas realizadas com 09 (nove) mestres que fizeram parte destas rodas. Concluindo que estes encontros oportunizaram a divulgação e o reconhecimento da eficiência técnica da capoeira, momentos de diversão e tensão, e a utilização dos parques como espaços de fruição do lazer.

Palavras-chave: Capoeira. Lazer. História. Mestres. Porto Alegre.

Introdução

As primeiras rodas de capoeira em Porto Alegre aconteceram na década de 1970, eram realizadas nos Parque Farroupilha e Moinhos de Vento, principais locais de lazer ao ar livre, reuniam nos finais de semana, um grande e diverso público.

O objetivo deste trabalho foi analisar estes encontros de capoeiristas, numa perspectiva de lazer fundamentada nas noções teóricas de Roger Caillois, Norbert Elias e Eric Dunning, juntamente com a relação destes capoeiristas com os próprios parques, que acolhiam e potencializavam esta modalidade cultural-esportiva.

Metodologia

Foram utilizadas entrevistas realizadas com 09 (nove) mestres de capoeira para o trabalho de conclusão de curso em Educação Física pela ESEFID/UFRGS, intitulado “As matrizes, o início e desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre nos anos 1970”.

Das informações constantes nestes materiais, nos atentamos em analisar os conteúdos que abordavam a realização das rodas de rua que aconteciam nos parques da cidade.

Neste trabalho optamos por utilizar a nomenclatura popular, com a qual, os capoeiristas se referem a estes locais: Parque da Redenção e Parcão.

O Lazer em Porto Alegre, Parque da Redenção e Parcão.

A institucionalização de praças e parques como equipamentos de práticas de lazer nesta capital têm início na década de 1920, através do Professor Frederico Guilherme Gaelzer, que conseguiu sensibilizar o poder público municipal para a criação dos “jardins de recreio” nas praças da cidade, tornando Porto Alegre, uma das capitais brasileiras pioneiras na instituição do lazer e da recreação pública.

¹ Licenciado em Educação Física, UFRGS, mestreguto50@gmail.com

² Mestre em ciências do movimento humano, UFRGS, walter.boehl@ufrgs.br

³ Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, raqufrgs@gmail.com

Posteriormente, em 1935, no ex-potreiro de várzea, outrora denominado Campo da Redenção, foram realizadas instalações de equipamentos que estimulavam as práticas e a apreciação de atividades esportivas, e o seu nome foi alterado para Parque Farroupilha (Stiger, Melati e Mazo, 2010).

Em 1972, foi inaugurado o Parcão, cujo nome oficial, Parque Moinhos de Vento, data do século XVIII, quando o mineiro Antônio Martins Barbosa, instalou um moinho de vento, onde hoje o parque encontra-se. Atualmente o local possui uma área de 11,5 hectares e é considerado como um dos mais conhecidos espaços de lazer porto-alegrense.

A prática da capoeira no Sul e as rodas nos Parques da Redenção e Parcão

A capoeira é uma manifestação cultural corporal, criada pelos descendentes de africanos no Brasil. Historicamente a sua prática foi reprimida durante o período colonial. Criminalizada na república. Liberada no Estado Novo. Reconhecida como esporte nacional pelo Conselho Nacional de Desportos em 1972. Tombada como patrimônio imaterial cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2008, e tornou-se, em 2012, patrimônio da humanidade conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Presente, há séculos, em cidades portuárias como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, aonde chegavam grandes ondas de escravos (IPHAN, 2007), a capoeira a partir da década de 1960 passou a ser amplamente praticada nos estados da região sudeste, para onde foram um grande número de nordestinos em busca de melhores condições de vida.

Esse movimento de expansão da capoeira, chegou a região Sul, através de Mestre Cau, alcunha de Henri Carlos Xavier da Silva, natural de Santa Maria/RS, que havia aprendido capoeira no Rio de Janeiro e ao retornar às terras rio-grandenses, em 1966, começou ensinar nas praças e clubes da cidade, tornando-se o precursor do ensino sistematizado de capoeira na em Porto Alegre.

Posteriormente, outros mestres o sucedem na promoção da prática, constituindo o que é reconhecido como as “matrizes” da capoeira em Porto Alegre, a saber: Vadinho (BA), Índio (BA), Monsueto (RJ), Cerqueira (BA), Paulinho (MT) e Ferro Velho (PR)

Ato contínuo, esses mestres configuraram forma e conteúdo da capoeira porto-alegrense, demarcando territórios, disputando legitimidades, criando símbolos de pertencimentos, multiplicando discípulos e implantando consistentemente a prática da capoeira, através de diversas estratégias, sendo as rodas de capoeira na rua, uma delas.

No que tange ao nome “rodas”, a denominação surgiu em razão da organização em círculo, em que as pessoas ficavam percutindo instrumentos e entoando cânticos, enquanto ao centro, dois capoeiristas exibiam suas habilidades de ataque, defesa e acrobacias.

Em relação aos tipos de “rodas de capoeira”, existiam “rodas fechadas”, que aconteciam em academias, escolas ou clubes, onde só participavam capoeiristas vinculados ao grupo realizador ou capoeiristas convidados, e “rodas de rua”, que eram realizadas em praças e parques, onde qualquer pessoa podia participar desde que tivesse habilidades suficientes para atender as exigências técnicas do momento.

Nos anos 1970, os grupos Filhos de Oxóssi, Muzenza e Zumbi dos Palmares, liderados respectivamente, por Mestre Índio, Mestre Paulinho e Mestre Churrasco, eram os grupos que realizavam as rodas nos Parques da Redenção e no Parcão. Estes locais eram escolhidos, com o intuito de ganhar visibilidade, haja vista, serem muito freqüentados ou por serem próximos das academias de capoeira. As rodas aconteciam

nas manhãs de domingo, com exceção das rodas coordenadas por Mestre Churrasco que era à tarde.

Durante a realização, de uma roda na rua, todos os elementos da capoeira são colocados em jogo, cabendo ao mestre organizador mediar a intensidade dos mesmos, para que os níveis de tensão e diversão, sejam equilibrados e que mais pessoas pudessem fruir a vivência.

No entanto, não eram raros momentos de conflitos, pois, capoeiristas de grupos diferentes, com objetivo de testar a própria técnica ou a adversária, fato que acontecia principalmente, entre os integrantes dos Grupos Muzenza e Filhos de Oxóssi, jogavam com rispidez e mais força do que o habitual, o que gerava invariavelmente jogos mais violentos e até mesmo brigas. Além disso, era comum lutadores de outras modalidades de combate, irem desafiar os mestres de capoeira, normalmente, em suas academias, mas principalmente, nas rodas de rua.

Assim, a incerteza sobre como cada roda se desenvolveria era sempre razão de apreensão, o que levou alguns mestres a evitarem rodas na rua, porque entendiam que as brigas e os conflitos prejudicavam a imagem da capoeira.

Porém, mesmo com esta tensa realidade, o número de adeptos à capoeira aumentou por conta da visibilidade que as rodas de rua proporcionaram à eficiência da luta, que combinada a momentos de ludicidade, atraiu mais pessoas que procuravam conhecê-la para praticá-la.

Os novos adeptos eram jovens, majoritariamente brancos, praticantes de esportes radicais, universitários, moradores de bairros de classe média alta e frequentadores de clubes sociais. Já, os praticantes fora desse perfil, pobres, pretos e periféricos, eram alunos do Mestre Churrasco.

Considerações finais

Observando o perfil dos praticantes de capoeira de Porto Alegre na década de 1970, percebe-se que há uma relação estreita com as atividades que envolviam risco ou fortes emoções. Sugerindo uma possível explicação, para a adesão de tantos jovens nas rodas de rua, onde a excitação e a tensão eram sempre presentes, mesmo que de certa forma, regulada pelos princípios organizacionais daquela prática.

Participar das rodas de rua nos parques proporcionava aos praticantes, ao mesmo tempo, momentos de liberação e de criação de emoções diversas, como medo e coragem, alegria e tristeza, entre outras emoções, que fazem parte do nosso dia a dia.

Os parques da cidade, espaços públicos ao ar livre, eram e continuam sendo, locais propícios para a realização das rodas de capoeira, enquanto prática de lazer e como divulgação da capoeira para o público em geral.

Referências

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Portugal, 1990.

DREISSIG, Ana Helena. *Transformações Urbanas Em Porto Alegre: O Parque Moinhos De Vento*. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2019

DUTRA, Mário Augusto da Rosa. *As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre nos anos 1970*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ENEIDA Feix e SILVANA V. Goellner *O Florescimento dos Espaços Públicos de lazer e de Recreação*. *Licere*, Belo Horizonte, v.11, n.3, dez./2008

STIGGER, Marco Paulo; MELATI Fernanda e MAZO Janice Zarpellon. *Parque farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul* – R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 21, n. 1, p. 127-138, 1. trim. 2010